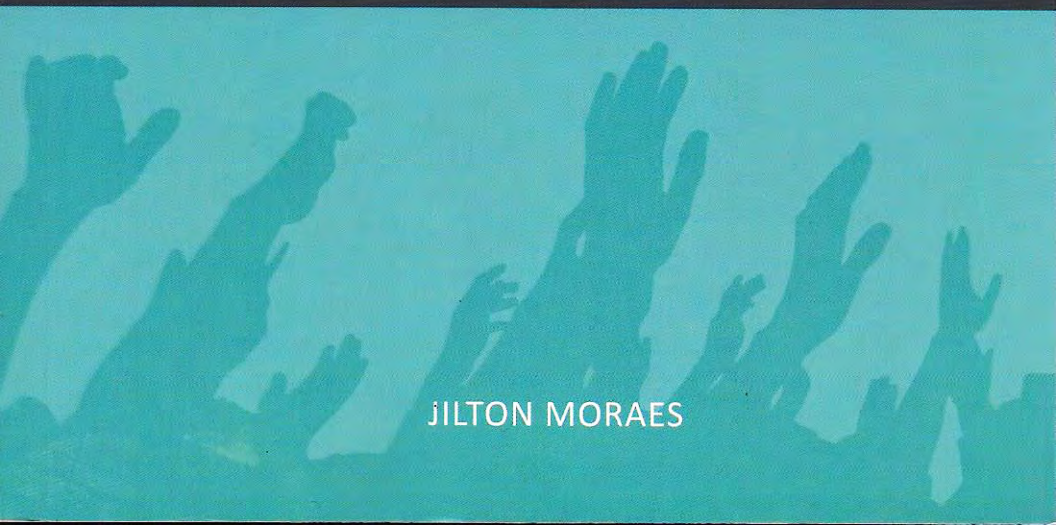




EXCELÊNCIA NO PÚLPITO

O CLAMOR DA IGREJA



JILTON MORAES

PREFÁCIO

É do conhecimento de todos nós, brasileiros, a realidade da violência no trânsito. No senso comum, uma das principais justificativas para tantos acidentes e tantas perdas é a inadequação de nossas rodovias. Um estudo recente, no entanto, aponta o que, sem dúvida, não é novidade para muitos: a catástrofe no trânsito tem a ver mais com a imprudência e o descuido total dos motoristas do que com o estado das rodovias. Sim, as condições das estradas também contribuem para as estatísticas, mas a total inconsequência humana no trânsito é a principal responsável por tamanha tragédia.

Quando hoje falamos sobre as dificuldades da pregação da igreja, é muito comum ouvirmos que o desinteresse dos ouvintes pela prédica se deve às profundas e radicais mudanças que ocorreram no âmbito da cultura e do comportamento. A secularização, a destradicionalização da crença, a perda dos valores em troca do consumo afetam de maneira profunda as formas de interação e comunicação humanas e, conseqüentemente, a vida da igreja. É incomum ouvir, principalmente da parte de ministros e ministras da igreja, que o desastre relativo ao sermão dominical se deve também à incompetência e à imprudência dos próprios pregadores e pregadoras.

Sim, vivemos profundas mudanças na cultura, na relação com as tradições e os valores. Há uma verdadeira revolução no âmbito das mídias e das novas comunicações. Há grandes transformações na forma de crer e na adesão das pessoas à vida

de culto e em comunidade. Há sim uma espetacularização dos discursos e, infelizmente, também da prédica; uma expectativa crescente por parte dos ouvintes de certo foco na prosperidade individual, no entretenimento hedonista, no imediatismo e no consumismo espiritual. Mas, assim como no caso do trânsito, o problema não reside apenas na infraestrutura, nas condições externas, no contexto e suas mudanças. Há erro humano envolvido quando o assunto é pregação. E o problema ecoa através do clamor dos ouvintes.

Nada é mais vital para a vida e a sobrevivência da igreja do que o culto e, dentro dele, a pregação. É pela pregação — em sua graciosa articulação divina e humana — que a fé é gestada e nutrida. Essa fé viva mantém a igreja viva. Ou seja, descuidar da pregação significa colocar, no mínimo, a fé e a igreja em risco. Em pleno século 21, pregar no culto cristão é tarefa sublime e, ao mesmo tempo, tarefa complexa e desafiadora; talvez em todos os tempos assim o tenha sido. Quais são essas grandes dificuldades contextuais hoje? Ao longo da História, não houve também outros tão grandes ou maiores desafios como os que temos atualmente?

A pregação da igreja circula por, pelo menos, quatro pilares:

1. Pregar exige conhecimento: conhecimento da Bíblia e proximidade com ela em primeiríssimo lugar. A Bíblia é como o pano sobre o qual se borda algo: assim como não é possível bordar sem pano, não é possível pregar sem conhecer a Bíblia e dela estar próximo. A essa noção, somam-se obviamente o conhecimento teológico, exegético e hermenêutico, bem como o conhecimento sobre o ser humano e a cultura geral.

2. Pregar requer conhecimento da nova cultura, da mídia e da comunicação: entender como as pessoas das diferentes gerações ouvem, como e o que retêm de informações, como organizam dados captados, como são mobilizadas pelas mídias, pelas imagens e pelos recursos é algo imprescindível na tarefa homilética. Não que a pregação deva imitar o espetáculo

mediático da caverna platônica do nosso tempo, mas ter ciência desses meios comunicativos e seus impactos, colocando a pregação da igreja em diálogo dinâmico e crítico com estes, parece-me prudente.

3. Pregador hoje, mais do que nunca, obriga a conhecer a vida das pessoas, dos ouvintes: não só conhecer, mas fazer parte da vida das pessoas, estar próximo a elas, às comunidades. Quem prega deve gostar de pessoas, de gente, e de estar com elas. Deve ser sensível à vida que pulsa e ao clamor por sentido e orientação que frequenta nossos cultos dominicais. O pregador prega com a Bíblia em uma das mãos, o jornal na outra e, em seu coração, não só fala aos seus ouvintes, mas os olha e vê com misericórdia e amor, como Cristo — a Palavra em plenitude — o fez e continua fazendo por intermédio da igreja, da pregação. Pregador na fraternidade implica formas mais dialógicas de comunicar. significa entender que a prédica não está apenas na boca de quem fala, mas no ouvido e no coração de quem ouve.

4. Não por último, pregar só é possível pela fé: a espiritualidade cristã faz parte de todo o processo homilético, da pesquisa ao púlpito, do púlpito aos ouvintes, dos ouvintes para o mundo na fé em forma de sinais do Reino. Pregadores são humanos; não são pessoas mais justas, nem mais pecadoras que os demais irmãos. Mas, em tempos difíceis como os nossos, não é concebível que eles não sejam íntegros em sua fé; que não sejam coerentes com o que vivem e como vivem. que não sejam comprometidos e éticos. Num mundo intoxicado de informação, pregadores são aqueles que auxiliam no processo depurativo: a orientação para viver e encontrar em Cristo sentido e esperança.

Todas essas questões nos convencem de quão urgente é pensar a pregação no nosso contexto. São poucos os escritos e os espaços que possibilitam essa reflexão. Assim como há um clamor dos ouvintes, há quase um clamor dos homiletas, das pessoas envolvidas com a pregação. O livro de Jilton Moraes que está em suas mãos é uma luz e uma bênção nesse

sentido. Pensado para ser lido e estudado por estudiosos da homilética, pregadores e ouvintes, ele denuncia a catástrofe humana que circula em nossos púlpitos. Baseado em ampla pesquisa de campo, séria investigação bibliográfica e profunda fundamentação bíblica, o Dr. Jilton dá voz ao clamor dos ouvintes e coloca o dedo na ferida por assim dizer. Seu livro, no entanto, não fica só na denúncia. Como um texto profético para nosso tempo, o livro traz para cada denúncia o seu anúncio, apontando caminhos, possibilidades, retomando sempre o que é essencial e imprescindível.

Que possamos colocar este livro nas mãos de Deus com o pedido de que ele se digne a usá-lo a serviço da pregação, promovendo, assim, vida, dignidade e transformação ao seu povo.

São Leopoldo, RS, março de 2018.

Dr. Júlio César Adam

Pastor da Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)
Professor de Liturgia e Homilética —
Faculdades EST, São Leopoldo/RS

SUMÁRIO

Introdução	17
1. De onde vem esse clamor?	23
2. Chega de despreparo!	31
3. Dois sermões ao mesmo tempo?	47
4. Contextualizar é preciso	59
5. Onde está o texto bíblico?	67
6. Por que tão distante?	77
7. Fique ligado que eu me ligo	85
8. Não fuja do culto	93
9. Para onde vamos?	99
10. Todos olham para o pregador	107
11. Mais alto que as palavras	115
12. Inovações perigosas	121
13. Capriche nas ilustrações	133
14. Aprenda a parar	141
15. Há esperança	147
Referências bibliográficas	171
Sobre o autor	177

INTRODUÇÃO

Ouvir a pregação da Palavra de Deus é uma das mais preciosas oportunidades da vida cristã. A mensagem das boas novas do amor de Deus tem sido comunicada ao homem por meio de sermões; tanto que o apóstolo Paulo chegou a afirmar: “Agradou a Deus salvar aqueles que creem por meio da loucura da pregação” (1Co 1.21b). Nos primórdios do cristianismo, o púlpito ocupou lugar de relevância e destaque; a pregação dos apóstolos e dos pais da igreja foi proclamada com força e poder. No decorrer da história da pregação, especialmente na época da Reforma, o púlpito se destacou como importante e respeitado meio de comunicação, de onde se lia e interpretava a Palavra de Deus, levando pecadores ao arrependimento e salvos à edificação. Os sermões sempre contribuíram de modo significativo para a formação dos fiéis.

A situação agora infelizmente já não é a mesma. Antes, algumas pessoas caíam no exagero de considerar o sermão como “a parte mais importante do culto”; hoje em dia, muitos foram para o outro extremo, classificando a pregação como “a parte mais irrelevante do serviço religioso”. Considerar a homilia como o mais importante carece de respaldo, uma vez que essa chamada “parte mais importante” pode até ser o silêncio quando se trata do momento em que o adorador sente mais de perto a presença do Criador. Por outro lado, qualificar a pregação como a parte mais irrelevante é algo catastrófico. Uma rápida olhada nas publicações atuais mostra que o púlpito perdeu seu destaque. O ensaio “Há lugar para a pregação?” começa com uma afirmação:

O lugar da pregação no culto tem sido questionado. Já não é o mesmo do passado. O momento da apresentação da prédica, antigamente, tão aguardado e tido como o clímax do culto está desaparecendo. O púlpito, que outrora viveu dias de poder e ascensão, em muitas igrejas, hoje, enfrenta terrível declínio.¹

Clyde Fant, em seu livro *Preaching for Today* [Pregação para hoje], incluiu um capítulo que intitulou de “O púlpito teimoso”, no qual afirma: “A pregação é a parte do culto que tem sido mais criticada e castigada, apesar de ser, também, a que tem sido mais universalmente praticada”.² Ele menciona um levantamento feito por Clyde Reid com algumas das principais críticas feitas aos sermões no século 20:

1. Os pregadores tendem a usar uma linguagem complexa e arcaica que a maioria dos ouvintes não compreende.
2. A maioria dos sermões é apática, maçante e insípida.
3. A pregação geralmente é irrelevante.
4. Falta coragem à pregação de hoje.
5. Não resulta em vidas transformadas.³

Que há insatisfação por parte de muitos ouvintes, não resta dúvida. Certamente, do nosso ponto de vista como pregadores, fica bem mais fácil encontrar resposta para o fato na apostasia do momento ou na tendência desta geração de fiéis de priorizar os cânticos. Entretanto, precisamos ser humildes para enxergar que os motivos para tal insatisfação não se restringem a esses fatores. Sermões necessitam e podem ser melhorados. E isso depende, antes de tudo, de nós, pregadores.

Encarando o problema

Nos últimos anos, vários estudiosos na área da comunicação sacra têm demonstrado preocupação com o declínio do púlpito. Onir Marafon afirmou: “Há uma crise na

1 MORAES, Jilton. In: *Administração Eclesiástica*. 3º trimestre de 2003. p. 24.

2 FANT, Clyde E. *Preaching for Today*, p.11.

3 Idem.

pregação dominical antes de tudo porque falta comunicação, ou porque falta saber se comunicar”.⁴ Cassiano Samanes e Manuel Carretero também criticaram a pregação da Igreja Católica, afirmando que ela está bastante ineficaz. “Alguns afirmam que os pregadores não estão adaptados à vida e que sua linguagem é abstrata e artificiosa. Outros dizem que a pregação não tem conteúdo bíblico e litúrgico”.⁵

Paulo Anglada apresenta, dentre as razões para o declínio da pregação contemporânea, a aversão da pós-modernidade a verdades objetivas. Ele menciona a afirmação de Klass Runia:

O homem moderno não quer que lhe digam o que é verdadeiro ou certo; ele quer descobri-lo por si mesmo e quer determinar por si mesmo o que fazer. [...] Ele quer participar da discussão, mas o sermão não dá oportunidade para discussão.⁶

A tese de Anglada é uma defesa dos sermões bíblicos, expositivos, apresentados por pregadores que conhecem o Senhor da Palavra, amam a Palavra e a apresentam com autoridade e vida.

Ciro Sanches Zibordi publicou *Erros que os pregadores devem evitar*. Segundo o autor, o livro firmou-se como um referencial para muitos pregadores do evangelho. No ano de lançamento, foi a obra mais vendida da editora CPAD, e já está na 12ª edição, figurando sempre nas listas dos mais vendidos.⁷ Tal foi a aceitação desse seu livro, que Zibordi lançou, três anos depois, outro título sobre o mesmo assunto: *Mais erros que o pregador deve evitar*. Essas duas publicações, aliadas à grande aceitação que têm tido, já revelam que vivemos um

4 MARAFON, Onir M. “Pregação, liturgia e comunicação”. In: Costa, Rovídio, org., *Práticas de comunicação*, p. 53.

5 SAMANES, Cassiano Florestan e CARRETERO, Manuel Useros. *Teología de la acción pastoral*, p. 367.

6 ANGLADA, Paulo. *Introdução à pregação reformada: uma investigação histórica sobre o modelo bíblico reformado de pregação*, p. 9.

7 Blog do Ciro: <<http://cirozibordi.blogspot.com/2007/09/erros-que-os-pregadores-devem-evitar.html>>.

momento em que há muito a melhorar no discurso evangélico. Tim Sims e Dan Pegoda publicaram um livro apropriado para a geração insatisfeita com a comunicação dos sermões. Seu conteúdo não é nada devocional e muito menos tradicional: *101 Things to do during a dull sermom* [101 coisas para fazer durante um sermão chato]. Esse livro ainda não está traduzido para o português, mas, se fosse publicado aqui, poderia até ser ampliado, considerando que não são poucos os ouvintes que têm se tornado autodidatas na arte de encontrar o que fazer enquanto os pregadores estão falando. Pior que a existência de um livro assim é o fato de que muitos fiéis gostariam de ter acesso ao seu conteúdo. Sempre que menciono a existência desse livro, ouço pessoas dizendo: “Eu queria adquirir um exemplar”.

Ainda entre os evangélicos, em 1967 Al Martin apresentou palestras na área da homilética na Conferência dos Ministros da Igreja Presbiteriana Ortodoxa, no Seminário Teológico de Westminster. O título desse trabalho — *O que há de errado com a pregação de hoje?* —, depois transformado em livro, reconhece o brado da pregação clamando por uma significativa melhora.

Na literatura católica, encontramos *Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral*. Escrito por Dirce de Carvalho, o livro resulta da análise de homilias pregadas em 13 dioceses brasileiras no final dos anos 1980 “com o objetivo de descobrir o tipo de comunicação estabelecida entre o padre e os fiéis, revelada pela imagem do emissor e do receptor implícita nos textos”.⁸

Adilmar Luiz Martins Padilha apresentou sua dissertação de mestrado na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo (RS), intitulada: *A carência e a falência dos púlpitos no movimento evangélico brasileiro: uma visão panorâmica*. No resumo do seu trabalho, ele define o seu objetivo: “Mostrar algumas distorções que têm se proliferado nos meios chamados

8 CARVALHO, Dirce. *Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral*, p. 345.

evangélicos, mostrando, para tanto, alguns dos elementos que vêm colaborando paulatinamente para o esvaziamento prático e homilético dos púlpitos”.⁹

A seriedade do problema tem feito o vocábulo *sermão* perder o sentido de proclamação do discurso religioso, pregação, mensagem comunicada por um pregador, passando a adquirir a conotação de censura, carão, admoestação. A afirmação “Estou cansado de ouvir sermões”, antes proferida sem qualquer referência ao púlpito, é hoje um dito comum por algumas pessoas que estão cansadas de ouvir sermões que “começam mal, caminham mal e, de tão ruins, parecem intermináveis”.¹⁰

Depois de mencionar que as igrejas no Brasil não vivenciam a crise de abandono aos cultos, verificada especialmente na Europa, Russell Shedd fala sobre a atitude de insatisfação de ouvintes no Brasil: “‘Pastor, por que será que não me sinto alimentado?’ , perguntam uns crentes famintos e raquíticos. Como se explica o fato do ‘banquete’ esperado ter se tornado num ‘café da manhã’ parco ou em um ‘lanche’ sem gosto?”.¹¹ Infelizmente, o lauto banquete foi substituído pelo lanche preparado às pressas e, ainda pior, com ingredientes, muitas vezes, de qualidade duvidosa.

O que dizem os ouvintes?

Tenho entrevistado membros e congregados de igrejas evangélicas, pessoas piedosas que costumam ouvir sermões sobre a realidade do púlpito no presente momento. O que eles dizem diante da realidade da pregação hoje?

A indagação feita a cada um desses ouvintes é: “O que mais lhe desagrada ao ouvir sermões?”. Os comentários que acompanham cada capítulo foram formatados com base nas

9 PADILHA, Adilmar Luiz Martins. *A carência e a falência dos púlpitos no ovimento evangélico brasileiro: uma visão panorâmica*, p. 3.

10 MORAES, Jilton. “Não torture seus ouvintes” in *Revista Administração Eclesiástica*, p. 25.

11 SHEDD, Russel P. *Palavra viva*, p. 11.

respostas obtidas. Em alguns casos, houve uma junção do pensamento de vários entrevistados em um mesmo tópico, visando a sintetizar e dar mais clareza. Para este trabalho, conceitos de eruditos na área da homilética foram também agregados. Registro uma palavra de gratidão sincera aos ouvintes que bondosamente participaram dessa pesquisa, em sua maioria no centro-oeste e do nordeste do Brasil.

Para nós, que vivemos do exercício da palavra, vale a pena fechar os lábios e abrir os ouvidos para escutar o clamor dos nossos ouvintes. Há um clamor em busca de melhores sermões: o clamor dos ouvintes está diante de nós.

DE ONDE VEM ESSE CLAMOR?

“Quem ouve a repreensão construtiva terá lugar permanente entre os sábios” (Provérbios 15.31).

“Há tempo de calar” (Eclesiastes 3.7).

Como pregaríamos se não houvesse quem nos escutasse?

Eles são chamados de ouvintes, mas não somente ouvem — embora às vezes finjamos esquecer isso. Eles também falam... E não apenas falam: levantam um verdadeiro clamor quando os sermões agridem seus ouvidos. Eles nos ouvem como pregadores, e nós não podemos fazer ouvido de mercador ao clamor que vem deles. Um bom pregador possui não apenas a habilidade de falar bem, mas, de igual modo, a de ouvir bem.

A dificuldade está em encontrarmos pregadores dispostos a escutar. Eles se tornaram especialistas no exercício da palavra, mas ainda não aprenderam a ouvir criativamente; falta-lhes a capacidade de escutar o pouco que o ouvinte diz e encorajá-lo a dizer o que ficou nas entrelinhas. Pregadores precisam ter maturidade para ouvir críticas — por mais pesadas que sejam —, sem enxergar na pessoa que faz ecoar o seu clamor a figura de um opositor, mas de alguém interessado em aprender mais. Devemos, como pregadores, desenvolver a capacidade de receber críticas como oportunidades de crescimento no ministério da pregação.

“Ninguém escuta o meu clamor”

Essa tem sido a queixa de ouvintes que se sentem solitários diante do desgosto de ouvir sermões desprovidos de biblicidade, atração, seriedade, atualização, vida, conteúdo, praticidade e desafios. É bem verdade que muitas outras pessoas passam pela mesma tortura, no mesmo lugar e nas mesmas condições. Porém, muitas se isolam, temendo “levantar a mão contra o ungido do Senhor”. Alguns ouvintes se alegraram em participar da pesquisa, expressando seu clamor contra sermões mornos, maçantes e mortos, pois foi uma oportunidade que tiveram de expressar o desejo de pregações melhores. As queixas são pertinentes:

“O meu pastor, diante de qualquer crítica ou sugestão para melhorar, simplesmente finge que ninguém está falando com ele.”

Essa é a reação típica da pessoa insegura. Para não ficar esmagado pela crítica, prefere fingir-se de surdo. O comunicador inteligente é capaz de autoavaliar-se e de ter uma ideia de seu desempenho. Com o pregador, não é diferente. Ele conhece a verdade sobre sua atuação e deve ter a nobreza e a humildade de admitir seus erros. Como afirmou Irland Azevedo: “O pregador é o profissional da verdade, crê na verdade, vive a verdade, ensina a verdade, proclama a verdade, compromete-se, de maneira inarredável, com a verdade. É a nossa persuasão”.¹²

Outro fator a sufocar o clamor dos ouvintes é a simulação, queixa que bem pode ser resumida neste protesto:

“Já tentei falar com o pastor sobre a pobreza dos sermões dele, mas, antes que eu terminasse o raciocínio, ele fingiu estar passando mal; quando eu mudei de assunto, não crítico, ele se recuperou automaticamente.”

12 AZEVEDO, Irland Pereira. *De pastor para pastores*, p. 147.

Nada é mais vital para a vida e a sobrevivência da igreja do que o culto e, dentro dele, a pregação. É pela pregação — em sua graciosa articulação divina e humana — que a fé é gestada e nutrida. Essa fé viva mantém a igreja viva. Ou seja, descuidar da pregação significa colocar, no mínimo, a fé e a igreja em risco. Em pleno século 21, pregar no culto cristão é tarefa sublime e, ao mesmo tempo, tarefa complexa e desafiadora; talvez em todos os tempos assim o tenha sido. Quais são essas grandes dificuldades contextuais hoje? Ao longo da História, não houve também outros tão grandes ou maiores desafios como os que temos atualmente?

Todas essas questões nos convencem de quão urgente é pensar a pregação no nosso contexto. São poucos os escritos e os espaços que possibilitam essa reflexão. Assim como há um clamor dos ouvintes, há quase um clamor dos homiletas, das pessoas envolvidas com a pregação. O livro de Jilton Moraes que está em suas mãos é uma luz e uma bênção nesse sentido. Pensado para ser lido e estudado por estudiosos da homilética, pregadores e ouvintes, ele denuncia a catástrofe humana que circula em nossos púlpitos. Baseado em ampla pesquisa de campo, séria investigação bibliográfica e profunda fundamentação bíblica, o Dr. Jilton dá voz ao clamor dos ouvintes e coloca o dedo na ferida por assim dizer. Seu livro, no entanto, não fica só na denúncia. Como um texto profético para nosso tempo, o livro traz para cada denúncia o seu anúncio, apontando caminhos, possibilidades, retomando sempre o que é essencial e imprescindível.

Que possamos colocar este livro nas mãos de Deus com o pedido de que ele se digne a usá-lo a serviço da pregação, promovendo, assim, vida, dignidade e transformação ao seu povo.

São Leopoldo, RS, março de 2018.

Dr. Júlio César Adam

Pastor da Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)
Professor de Liturgia e Homilética —
Faculdades EST, São Leopoldo/RS

LUZEVIDA

ISBN: 978-85-7624-231-4



Cód. LV 10053